

Quem salvou quem? As redes de sobrevivência no Morro da Kibon durante a pandemia

Eduardo Magalhães Rodrigues e Silmara Conchão

Estudo revela que 80% das relações de apoio vieram da própria comunidade, enquanto o poder público teve presença residual e a iniciativa privada, inexistente.

Durante a pandemia da Covid-19, quando o Brasil atravessava uma de suas maiores tragédias sanitárias, os moradores do Sítio Cassaquera, uma das quatro favelas que compõem o Complexo do Morro da Kibon, em Santo André (SP), precisaram recorrer principalmente uns aos outros para sobreviver.

Um estudo financiado pelo CNPq mapeou as relações sociais estabelecidas durante e após a pandemia. Utilizando a metodologia da Análise de Redes Sociais (ARS), a pesquisa modelou uma rede com 151 atores e 636 vínculos de apoio. O dado mais expressivo é que aproximadamente 80% das relações de ajuda ocorreram entre os próprios moradores.

A presença do poder público foi considerada residual, enquanto o setor privado praticamente não apareceu na rede de apoio identificada.

Lideranças informais tiveram papel central. Jogadores e dirigentes de times de futebol locais, ativistas comunitários, pequenos comerciantes, padeiros que doavam parte da produção, barbeiros e lideranças religiosas emergiram como pontos estratégicos da rede. Igrejas neopentecostais, organizações comunitárias e iniciativas solidárias tornaram-se referências de suporte emocional, material e organizativo.

Além disso, membros externos vinculados ao Centro Universitário da

Faculdade de Medicina do ABC, ao Centro de Estudos de Saúde Coletiva (CESCO), ao Projeto Rondon e a organizações do terceiro setor, também participaram da rede.

A pesquisa demonstra que, em momentos de crise extrema, a favela ativou suas estruturas internas de solidariedade. Amigos, vizinhos, familiares e coletivos locais funcionaram como verdadeiras pontes de sobrevivência.

O estudo conclui que essas redes comunitárias foram mecanismos fundamentais de resistência. Ao mesmo tempo, evidencia desigualdades estruturais históricas e o subfinanciamento de políticas públicas, reforçando a necessidade de fortalecer o SUS, ampliar políticas sociais e integrar ações entre os diferentes níveis de governo. Mais do que um retrato da pandemia, a pesquisa revela uma lição duradoura: onde o Estado falha e o mercado se ausenta, a comunidade se organiza.